



ASSEMBLEIA MUNICIPAL DE CAMINHA
Sessão de 19 de fevereiro de 2016

PERÍODO DE ANTES DA ORDEM DO DIA

Exmos...

São já recorrentes as nossas acusações aos sucessivos executivos, quer liderados pelo PSD, quer liderados pelo PS, mas sempre formados apenas por estas duas forças partidárias, que teimam em não desenvolver uma estratégia identitária para o concelho de Caminha. Sempre ignorados, tanto na resposta esquiva nestas sessões, como, e sobretudo, nas políticas seguidas na condução do município, não será por isso que desistiremos de apontar o caminho que queremos. Mas de facto, quando a identidade é apenas um chavão de ocasião, uma mensagem efémera para embelezar o discurso, nada se afirma, nada fica dessa raiz cultural, económica e política. E os exemplos saltam à vista sem grande esforço. Começemos pela Vila Praia em Flor, iniciativa do PSD que evoca o património natural de Vila Praia de Âncora, uma freguesia do concelho de Caminha que não tem um único espaço de parque florido, digno desse nome, tanto pela organização como pela localização, e que seja de facto uma zona de desfrute da natureza em flor, pensada e organizada com esse fim, apesar das sucessivas propostas da CDU em ser criado o parque da Vila, valorizando a zona envolvente ao dólmen da Barrosa, num enquadramento urbano favorecido pela municipalização de um troço da EN13. Vale o evento pelo evento, porque florir a vila é esteticamente bonito, mas que tradição florística da Vila se atualiza e o que a

diferencia da de outras terras? A tradição das maias não é seguramente uma referência singular desta vila ou deste concelho, embora nada nos impeça de o assumir. Passemos então à fase seguinte. Valendo a identidade, que impacto económica traz, criando nos visitantes a ideia de identidade desta vila com a floricultura, de raízes ancestrais, cuja atividade económica era já reconhecida no passado? Na verdade essa dimensão não está no passado, e claro que, apesar de alguns bons exemplos no concelho de Caminha, que se reportam a tempos próximos, a verdade é que Vila Praia em Flor é isso mesmo, é mais uma atividade de animação e não um elemento de identidade do concelho, nada se obstando a que possa ainda vir a ser.

Passemos então a um elemento cuja identidade é inquestionável - o mar!

Nas palavras poéticas do anterior presidente desta assembleia, é Vila Praia de Âncora, e com ela o concelho de Caminha, terra “de velhos marinheiros, de barcos à vela”! Mas o único elemento que neste concelho evoca estes velhos marinheiros é um barco sem vela, revelador de uma identidade difusa que nem replica a estrutura dos tradicionais barcos de pesca ancorense, ou das suas masseiras. Mas se dúvidas houvesse quanto à identidade do concelho no que ao mar diz respeito, com o executivo do PS criou-se um evento ainda mais magnânime, que lembra as intrépidas viagens à pesca do bacalhau. Assim nasceu o Viagens à Terra Nova. E quando qualquer visitante nos encontra a evocar a epopeia do bacalhau pergunta-se pelos elementos que nos ligam a tão longínquas paragens; e pergunta-se, muito justamente, por um nome de rua, talvez, um monumento ou simples placa que recorde estes homens do mar que durante anos garantiram às famílias (mulheres e filhos) a sobrevivência, aqui,

na terra que os esquece. Mas pergunta-se mais; se hoje sabemos dos perigos enfrentados, terá algum perecido? É lembrado na sua terra natal? Afinal, numa breve pesquisa, sabemos que foram 7 os que morreram nesta pesca mas cujo nome não consta em nenhum pequeno recanto, como tão pouco constam os dos camaradas de mar que por aqui foram parecendo. Então não vale a Viagens à Terra Nova pela referência histórica, porque nada há desse registo nas restantes 51 semanas do ano, considerando uma semana reservada para o evento. Mas se as referências passadas não alimentam razão suficiente para a identidade local de ligação ao mar, procure-se nas atividades económicas atuais a presença deste mesmo mar. Pois é, para além da tela nada fica. Não há um porto de mar que sirva os seus fins, da mesma forma que não existe dinamismo económico em terra que estimule a atividade de mar, tanto na vertente profissional como na desportiva ou recreativa. Do investimento realizado não houve capacidade para desenvolver um sector usado na nossa identidade como se fosse o de maior importância local, tanto pelo emprego, como pelo dinamismo económico. E se nada há, assumam que a vossa estratégia de desenvolvimento não passa pela valorização do mar, e a ser assim não usem a vocação marítima para se referirem a esta terra, porque nas vossas políticas nada fazem ou fizeram para afirmar esta identidade. Nem o passado recordam, nem no presente garantem o futuro. Reparem que em todo o concelho não há um único curso profissional voltado para a pesca. Não há um único programa de investigação em ciências marinhas protocolado com qualquer instituição superior. Não há uma única movimentação no sentido de tentar atrair para o concelho empresas de valorização do pescado, de operação turística de mar, de construção, reparação ou comercialização de artigos que estimulem a atividade marítima. Não há rotinas de interação com as comunidades

piscatórias, levando o mar às escolas de ensino regular, em particular do ensino básico. Nada fazem na verdade para estimular, 365 dias por ano, a poética terra de marinheiros, servindo-se do epíteto para reconhecer que não conhecem o mar que fixou uma comunidade, que a desenvolveu, e que agora a estão a deixar morrer. Façam o exercício simples de perguntar a um jovem de 18 anos, natural do nosso concelho, quantas experiências teve no nosso território relativas ao mar, para além dos banhos de Verão nas praias. Perguntem-lhe sobre as artes da pesca. Desafiem-no a falar da frota branca, dos dóris e da Terra Nova. Perguntem-lhe o que sabe sobre os cabazes da sardinha, da alvorada e do assejo, para perceberem de vez o quanto contribuem para estimular o esquecimento do mar. É que para defendermos uma identidade é preciso fazê-lo com políticas de enraizamento e fixação de atividades comerciais, industriais e formativas, caso contrário estão apenas a fazer da identidade uma referência a um passado ultrapassado, sem qualquer presença na vida atual deste concelho, e se assim é, assumam-no e construam outra identidade. Para a CDU há ainda muito a fazer, e o mar é ainda um motor de desenvolvimento económico e social no concelho de Caminha, saiba a atividade política corresponder às expectativas, criando as dinâmicas industriais, comerciais, turísticas e formativas que justifiquem os investimentos públicos, e voltaremos seguramente a ser, justamente, apelidados de terra de mar, onde a fotografia não é a única atividade, apesar da beleza registada por muitos dos nossos conterrâneos que, felizmente, nos trazem o sal aos olhos.

Mas não poderemos terminar sem deixar uma nota sobre o festival que criaram à volta do orçamento participativo, tão ao jeito da vila de cima contra a vila de baixo, descendo a um nível tão estranho e desligado do que é na verdade o orçamento

municipal. Para além do custo associado a este folclore, que a ser descontado na verba disponível para o orçamento participativo deixaria as obras por realizar, traz à seriedade do orçamento a competição mais básica, e resume as freguesias e as suas Juntas a meros líderes de bancada, cuja função é angariar votantes. Se no passado combatemos políticas que subjugavam os presidentes de Junta às Câmaras Municipais, não aplaudiremos agora uma situação ainda mais gravosa - já não é o presidente de junta que pede obras, agora é o elemento que pede aos fregueses para pedirem obras. Sejamos sinceros, como há uns anos a esta parte tudo se resume a eventos, o orçamento participativo também foi transformado em algo do género; só falta organizar a festa de condecoração do vencedor, com direito a fotos, discursos, verde de honra, e o muito mais que a capacidade criativa possa juntar, para assumir esta atividade como um marco de referência no panorama cultural do concelho de Caminha.

Disse.

**Caminha, 19 de fevereiro de 2016 | CDU – Coligação Democrática Unitária |
Joaquim Celestino Ribeiro**